

IDEOLOGIA E PODER: A CRÍTICA DISCURSIVA NA CPI DA PANDEMIA DE COVID-19¹

Leonardo Ferreira da Silva²

RESUMO: Neste artigo analisamos excertos extraídos de notas taquigráficas resultantes de quatro reuniões da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia de Covid-19, que ocorreram em junho de 2021. Para isso, buscamos subsídio teórico na Análise Crítica do Discurso (ACD) com ênfase na própria natureza multidisciplinar desse estudo. Com isso, evocamos autores como Althusser (1985), Bakhtin (1977), Charaudeau (2016), van Dijk (2008, 2009), Fairclough (2001, 2004 e 2010), Foucault (1987, 2016), Thompson (1990) e Wodak (2004). Assim, realizamos uma pesquisa com objetivo de investigar as estratégias discursivas de operação ideológica para fins de manutenção de poder. Por fim, os resultados mostraram que os depoimentos revelaram duas posições antagônicas, quais sejam: por um lado, uma tendência que nega as convenções científicas defendidas por universidades renomadas e agências reguladoras internacionais e, por outro lado, um bloco que se colocou em favor de preceitos científicos de enfrentamento à pandemia que são patentes universalmente.

PALAVRAS-CHAVE: ciência; discurso; ideologia; poder.

RESUMEN: En este artículo analizamos extractos de notas taquigráficas resultantes de cuatro reuniones de la Comisión Parlamentaria de Investigación (CPI) de la Pandemia de Covid-19, que tuvieron lugar en junio de 2021. Para ello, buscamos apoyo teórico en el Análisis Crítico del Discurso (ACD) con énfasis en el carácter multidisciplinario de este estudio. Con ello, evocamos a autores como Althusser (1987), Bakhtin (1977), Charaudeau (2016), van Dijk (2008, 2009), Fairclough (2001, 2004 y 2010), Foucault (1987, 2016), Thompson (1990) y Wodak (2004). Así, realizamos una investigación con el objetivo de investigar las estrategias discursivas de funcionamiento ideológico con el fin de mantener el poder. Finalmente, los resultados mostraron que los testimonios revelaron dos posiciones antagónicas, a saber: por una parte, una tendencia que niega las convenciones científicas defendidas por reconocidas universidades y organismos reguladores internacionales y, por otro lado, un bloque que se posiciona a favor de preceptos científicos para hacer frente a la pandemia que son universalmente patentes.

PALABRAS-CLAVE: ciencia; discurso; ideología; poder.

1 INTRODUÇÃO

Por ocasião do populismo extremista de direita que emergiu, principalmente na Europa e nos Estados Unidos da América notadamente em 2017, foram observados posicionamentos negacionistas, disseminação de *fake news* e a implementação de uma cultura de medo e de

¹ Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Licenciado em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

² Graduando em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

ódio. Diante desse panorama, essas posturas passaram a compor as decisões de uma nova era política global que se utiliza de forte influência ideológica para a manutenção do poder.

No caso do Brasil, a continuidade desse cenário se dá quando assume o poder, em 2019, Jair M. Bolsonaro, um governo de extrema-direita, que adota a mesma feição discursivo-ideológica negacionista e, incessantemente, ataca os direitos humanos.

Por isso mesmo, excepcionalmente, no período inicial da pandemia de Covid-19³, os brasileiros vivenciaram um preocupante cenário político-ideológico polarizado em duas posturas discursivas bem definidas. Por um lado, exacerbou-se um bloco formado, em sua maioria, por médicos que se posicionaram contra a tradição científica e, por outro lado, um grupo de médicos que procurou esclarecimento em posicionamentos científicos⁴ praticados por universidades de reconhecimento internacional e por organismos de prestígio mundial na área de pesquisa em saúde.

Somam-se a isso as ingerências do Governo Federal que afetaram negativamente a tomada de decisões na gestão do Ministério da Saúde, em detrimento das ações técnicas especializadas.

Assim, ações que poderiam ter mitigado as consequências do avanço da doença (ou poderiam até ter evitado o trágico índice⁵ de óbitos) foram negligenciadas. Em outras palavras, se as autoridades sanitárias brasileiras tivessem a autonomia necessária para levar

³ Segundo o Ministério da Saúde, o primeiro caso de Covid-19 no Brasil se deu no dia 24 de fevereiro de 2020. Disponível em <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/julho/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-fevereiro>> Acesso em 21 de fev. de 2023.

⁴ Ao nos referirmos aos “posicionamentos científicos”, queremos considerar a expressão no sentido de “sistematização do conhecimento”, com os seguintes critérios: natureza empírica, objetivação, discutibilidade, observação controlada dos fenômenos, originalidade, coerência, sistematicidade, consistência, autoridade por mérito, relevância social, ética e intersubjetividade (DEMO 2000, p. 27 *apud* PRODANOV, 2013, p. 17-20). Por isso, em muitos momentos consideramos o termo como procedimentos metodológicos praticados por grandes centros acadêmicos e organismos internacionais de saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), que respeitam os direitos humanos. Não ignoramos, no entanto, que em tempos sombrios da história mundial, a “ciência” esteve a serviço de ideologias nazi-fascistas que serviam a ideologias extremistas, como as experiências nazistas torturantes e cruéis, em Auschwitz, encabeçadas pelo médico Josef Mengele. Portanto, queremos frisar que a menção feita aos procedimentos ou aos preceitos científicos referem-se à ciência prestigiada em todo o mundo pelos resultados e pelo compromisso com os direitos humanos.

⁵ Segundo o *site* do Senado Federal, à época da CPI da Pandemia de Covid-19, o número de óbitos atingia o total de mais de 400 mil. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-milhares-de-mortes-por-covid-poderiam-ter-sido-evitadas-no-brasil>> Acesso em 17 de fev. de 2023. Ao longo da redação deste artigo, verificamos que o número de vítimas fatais se aproxima das 700 mil, o que nos leva a refletir sobre a gravidade da pandemia e sobre a relevância do assunto em pauta. Disponível em <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em 17 de fev. de 2023. Ademais, vale ainda destacar que é possível ter havido subnotificação por parte da gestão de Jair M. Bolsonaro.

em conta as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e se a gestão considerasse as orientações científico-metodológicas, efetivamente, muitas vidas seriam salvas.

Mesmo diante de grande resistência às agências reguladoras e aos princípios científicos, o governo da situação à época e seus apoiadores alimentaram discurso negacionista com grande potencial de factoides, através das redes digitais, com o objetivo de descredenciar os médicos defensores da ciência praticada mundialmente. Para esse projeto de desinformação, o Governo Federal alicerçou o seu discurso em teorias da conspiração, em *fake News* e em busca de ferramentas ineficazes para o tratamento da doença, como já frisamos.

Nesse contexto, podemos lembrar a opção do Ministério da Saúde por um “tratamento precoce” que consistia no uso de hidroxicloroquina, cloriquina e ivermectina. Além disso, membros desse ministério propagavam a “ineficácia da vacina” em favor de uma proposta de “imunização de rebanho”. Por isso mesmo, registramos muito mais a interferência ideológica do que, propriamente, a tomada de providências para o enfrentamento da pandemia, como detalharemos em passagens dos depoimentos colhidos no processo de oitiva da CPI da Pandemia de Covid-19, que serão analisadas mais avante.

Diante dessa nebulosa ideológica, o Ministério da Saúde passou por várias mudanças. Para ser mais claro, de 1º de janeiro de 2019 até 16 de abril de 2020 assumiu Luiz Henrique Mandetta; de 16 de abril a 15 de maio de 2020 (menos de um mês), esteve no cargo o médico oncologista Nelson Teich; em seguida, assumiu como interino de 15 de maio a 16 de setembro de 2020, o general do Exército Eduardo Pazuello. Mais adiante, esse mesmo militar é efetivado como ministro, em 16 de setembro de 2020 e permanece no cargo até 15 de março de 2021. Por fim, o médico cardiologista Marcelo Queiroga assume o cargo em 15 de março de 2021, permanecendo até o final do governo de Jair Bolsonaro.

Em meio a essa gestão atabalhoada, em 26 de fevereiro de 2020, instaura-se a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia de Covid-19 para apurar a eventual incompetência da gestão do Presidente Jair M. Bolsonaro no enfrentamento da pandemia.

Frente a essas circunstâncias, resolvemos empreender uma pesquisa qualitativa e descritiva, para investigar a construção discursivo-ideológica para fins de dominação e poder a partir de fragmentos de notas taquigráficas extraídos de diferentes reuniões da CPI da

Pandemia de Covid-19. Assim sendo, este artigo se situa no seio da Análise Crítica do Discurso (ACD), porque aborda múltiplas possibilidades interdisciplinares. E, nesse prisma, instamos na busca pelo “sentido último ou do sentido oculto das coisas”, pois, como ressalta Fischer (2021, p. 198), “é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar”.

Ao analisar o *corpus*, que abarca passagens de diferentes reuniões da CPI da Pandemia de Covid-19, verificamos, entre apoiadores do Governo Federal, a presença convergente de discursos falaciosos⁶ em detrimento de vozes que trazem à baila o discurso científico oriundo do campo acadêmico.

De forma mais específica, convém reiterar que um grupo de médicos procurou alinhamento com o discurso do governo⁷ Bolsonaro que negou a eficácia das vacinas, tentou credenciar o “tratamento precoce”, defendeu a “imunização de rebanho”, negou o *lockdown*, posicionou-se contrariamente à testagem em massa entre outras ações que contribuíram para agravar os danos causados pela pandemia.

Por outro lado, cientistas, que se apresentaram na CPI, como a infectologista Luana Araújo e a microbiologista Natália Pasternak adotaram postura harmônica em favor da ciência. Como veremos ao longo deste artigo, as duas cientistas construíram argumentos na tentativa de refutar as narrativas dos defensores do governo Bolsonaro, quais sejam: Osmar Terra e Nise H. Yamaguchi.

Com relação ao *corpus*, procuramos separar, passagens de diferentes reuniões da CPI da Pandemia que convergem para os seguintes assuntos: (1) sistematização metodológica x teoria da conspiração; (2) distanciamento x imunização de rebanho (3) testagem x não-

⁶ Fiorin (2016, p. 56-57) esclarece que “Aristóteles vai tratar também do silogismo sofisticado (do grego *sophisma*, que significa ‘artifício, astúcia, artil’, também chamado falacioso (do latim *fallacia*, que quer dizer ‘engodo’). Os silogismos sofismáticos são aqueles que violam uma regra de construção do silogismo”.

⁷ A imprensa publicou fartamente a posição do presidente Jair M. Bolsonaro sobre as decisões consideradas por especialistas de irresponsáveis, que contrariaram os protocolos praticados na maioria dos países desenvolvidos. Não só isso, mas as próprias declarações de Bolsonaro então em desacordo em relação às universidades de prestígio internacional e contra as agências reguladoras. Além disso, esse chefe do Executivo promoveu atos que geraram aglomeração e, nesses eventos, o próprio Bolsonaro não usou máscara, publicou vídeos descredenciando autoridades sanitárias em um canal próprio, exibiu medicamentos ineficazes, zombou das vítimas e demitiu todos quantos contrariaram seus posicionamentos arbitrários. No Relatório da CPI da Pandemia de Covid-19, por exemplo, encontramos diversas passagens que denunciam os atos negacionistas desse mandatário do Brasil à época, com registros na esfera jornalística, com vídeos, conversas por aplicativo, documentos, testemunhas etc. Relatório final: Comissão Parlamentar de Inquérito. Disponível em < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/27/cpi-da-pandemia-entrega-relatorio-final-ao-presidente-rodri-go-pacheco> > Acesso em: 20 de fev. de 2023.

testagem; (4) vacina x tratamento precoce; (5) cuidado profilático x aglomeração e (6) decisões baseadas na qualificação técnica x decisões pautadas na conveniência ideológica. Nessa direção, elencamos as preferências discursivas dos dois blocos, a saber: um que defende o posicionamento discursivo-ideológico do Governo Bolsonaro e outro que a ele se opõe. Em seguida, submetemos os excertos à investigação sob as lentes da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD⁸).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Do ponto de vista diacrônico, a ACD⁹ tem suas bases firmadas na década de 90 do século XX, como área do conhecimento da Linguística. Há, no entanto, duas correntes teóricas que podem convergir em alguns pontos, ou seja, a ACD de linha francesa e a ACD anglo-saxônica, cujos nomes mais relevantes são Norman Fairclough, Teun van Dijk, Ruth Wodak, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e John Thompson. Focalizamos a tendência anglo-saxônica, ainda que, em virtude da natureza multidisciplinar da ACD, evocaremos, esporadicamente, nomes como Charaudeau (2016), Foucault (1969, 1987, 2016) e Maingueneau (1996, 2010).

Partindo para uma apreciação mais específica do estudo, encontramos no estado da arte inúmeras produções sobre ACD que expõem um sem-número de pesquisas sobre discurso, ideologia e poder. Entre as mais relevantes contribuições, destacamos o trabalho de Fairclough (2001, p. 3), que, ao postular sobre “o termo discurso¹⁰ (no que é amplamente chamado ‘análise do discurso’), sinaliza a visão particular da linguagem em uso [...] – como um elemento da vida social que está intimamente interconectado com outros elementos”.

⁸ Aqui, consideramos a Análise Crítica do Discurso (ACD), embora alguns pesquisadores prefiram a designação Análise do Discurso Crítica (ADC), que faz referência à expressão inglesa *critical discourse analysis*. Tal escolha pela sigla ACD se dá apenas por uma decisão de preferência pelo termo que é utilizado por maioria dos pesquisadores brasileiros.

⁹ Magalhães (2005, 314) esclarece que a “Análise Crítica do Discurso pretende, em suma, mostrar o modo como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes, de poder e dominação”.

¹⁰ “The term discourse (in what is widely called ‘discourse analysis’) signals the particular view of language in use [...] as an element of social life which is closely interconnected with other elements” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 3), [tradução nossa].

Quando avançamos para o entendimento mais específico desse conhecimento linguístico, Fairclough (2010) defende um modelo tridimensional que a ACD pode ser entendida em suas três dimensões, isto é: (1) análise de texto, (2) prática das práticas discursivas e (3) análise da prática social. De forma sintética, podemos dizer que a dimensão da análise textual agrega vocabulário, gramática e coesão. A dimensão de práticas sociais envolve atos de fala, coerência, conexões e inferências. Por fim, a prática social abrange a ideologia e a hegemonia.

No que tange às questões sociais, van Dijk (2008, p. 6, grifos nossos)¹¹ vê que “em outras palavras, a Crítica Social do Discurso está especificamente interessada no estudo (crítico) de questões sociais, problemas, desigualdade social, **dominação e fenômenos relacionados, em geral, e o papel do discurso, uso da linguagem ou comunicação em tais fenômenos, em particular**”.

Nas relações sociointerativas, notamos a sucessão de confrontos discursivos para a busca de hegemonia e de manutenção de poder. Nesse particular, os estudiosos do discurso, como van Dijk (2000, 2008, 2009), Fairclough (2001, 2004, 2010), Foucault (1969, 1987, 2016), Maingueneau (1996) e Thompson (1990) constroem um pensamento na tentativa de deslindar o que há nas entrelinhas do discurso. Assim, poderíamos sintetizar o entendimento sobre ACD em termos de tratamento da linguagem como “espaço de luta hegemônica, uma vez que viabiliza a análise de contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito a selecionar determinadas estruturas linguísticas ou determinadas vozes, por exemplo, a articulá-las de determinadas maneiras num conjunto de possibilidades” (RAMALHO, 2006, p. 18).

A natureza do discurso, portanto, opera sobre o mundo e sobre os sujeitos. Nesse entendimento, trazemos a assertiva de Maingueneau (2010, p. 64), que diz ser a análise do discurso “crítica pela própria seleção de seus objetos de investigação” e acrescenta que “a análise do discurso se manifesta contra número de ilusões constitutivas de ideologia espontânea dos locutores, que acreditam que dizem, o que pensam, que utilizam a linguagem como instrumento etc.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 65).

¹¹ “In other words, CDS is specifically interested in the (critical) study of social issues, problems, social inequality, domination and related phenomena, in general, and the role of discourse, language use or communication in such phenomena, in particular” (DIJK, 2008, p. 6) [tradução nossa].

Sobre a questão ideológica, Althusser (1985, p. 69) postula que “a ideologia passa então a ser o sistema das ideias, das representações, que dominam o espírito de um homem ou de um grupo social”. De forma mais restrita, van Dijk (2000, p. 51)¹², observa que “[...] as ideologias são desenvolvidas por grupos dominantes para reproduzir e legitimar sua dominação”. Ao avançar para o esclarecimento de ideologias, o autor continua: “[...] as ideologias se comunicam de modo persuasivo na sociedade e, desse modo, ajudam a reproduzir o poder e a dominação de grupos ou classes específicas” (Van DIJK, 2000, p. 51)¹³.

Ainda no tocante às ideologias, Ramires (2018, p. 464) ressalta que a noção de ideologia está intimamente ligada às relações de poder. Para a pesquisadora, o poder se materializa em discursos. Nesse prisma, concordamos com os trabalhos de Thompson (1990) que postula a “naturalização do discurso” a partir de estratégias como: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação.

Nessa lógica, trazemos o pensamento de Bakhtin (1977, p. 25)¹⁴, que nos ensina que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não existe ideologia”.

3 METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa de natureza básica de abordagem qualitativa. Assim, uma vez que o nosso objetivo é investigar, criticamente, os pontos de vista discursivo-ideológicos extraídos de depoimentos da CPI da Pandemia de Covid-19, buscamos delimitar o *corpus* a partir de quatro notas taquigráficas oriundas de diferentes reuniões.

Antes de separarmos as notas taquigráficas, fizemos uma triagem para separarmos os textos em duas categorias marcadamente ideológicas. Por um lado, separamos duas notas

¹² “[...] las ideologías son desarrolladas por grupos dominantes para reproducir y legitimar su dominación” (DIJK, 2000, p. 51). [tradução nossa].

¹³ “[...] las ideologías se comunican de un modo persuasivo en la sociedad y, de ese modo, ayudan a reproducir el poder y la dominación de grupos o clases específicas” (DIJK, 2000, p. 51). [tradução nossa].

¹⁴ «Tout ce qui est idéologique possède un référent et renvoie à quelque chose qui se situe hors de lui. En d’autres termes, tout ce qui est idéologique est un signe. Sans signes, point d’idéologie» (BAKHTINE, 1977, p. 25). [tradução nossa].

taquigráficas cujos conteúdos servem à ideologia do governo de extremista de direita à época e, por outro lado, selecionamos outras duas que apontam argumentos em favor da ciência e que estão em sintonia com órgãos reguladores nacionais e internacionais.

Em seguida, analisamos quais foram as estratégias discursivo-ideológicas utilizadas pelos depoentes. Depois, comparamos a construção discursiva presente nas diferentes notas taquigráficas. Na sequência, descrevemos as escolhas discursivo-ideológicas e classificamos tais depoimentos tendo por parâmetro a ACD. Em outro momento, esquematizamos as exposições dos depoentes e confrontamos os argumentos trazidos para saber se os discursos dos membros do Governo Bolsonaro foram refutados pelos pressupostos científicos trazidos por Natália Pasternak e por Luana Araújo.

Tendo em vista a necessidade de um recorte mais preciso do *corpus*, entendemos que ainda seria necessário afunilar os textos disponíveis por assunto. Para isso, elaboramos um quadro que permite a categorização da seguinte forma:

- (1) pressupostos científicos defendidos por centros de pesquisas x fontes duvidosas;
- (2) *lockdown* x imunidade de rebanho;
- (3) testagem x não-testagem;
- (4) vacinação x tratamento precoce;
- (5) cuidado profilático x aglomeração;
- (6) decisões alicerçadas na qualificação técnica x decisões pautadas em conveniência ideológica.

A primeira nota taquigráfica é referente à 24ª. reunião da CPI da Pandemia de Covid-19, do dia 22/6/2021, que ouviu o deputado Osmar Terra. Nessa oitiva, verificamos que os argumentos do depoente se basearam nos assuntos descritos acima na coluna da direita.

Começamos pelo depoimento de Osmar Terra¹⁵, porque, com o avançar das investigações da CPI da Pandemia de Covid-19 chegou-se ao entendimento de que o parlamentar poderia ter aconselhado membros do Ministério da Saúde com a finalidade de induzi-los aos mesmos procedimentos negacionistas.

¹⁵ Formado em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especialização em Saúde Perinatal, Educação e Desenvolvimento do Bebê pela Universidade de Brasília (UNB).

Em continuidade, analisamos as notas taquigráficas da oitiva da médica oncologista Nise H. Yamaguchi¹⁶, que foi ouvida na 14ª. reunião da CPI da Pandemia de Covid-19 ocorrida no dia 1/6/2021.

Em seguida, comparamos os posicionamentos defendidos pela médica Nise H. Yamaguchi com o depoimento de Osmar Terra, com foco para os assuntos elencados anteriormente, na tentativa de identificar alguma semelhança ou diferença entre os discursos apresentados, isto é, buscamos saber se havia divergência ou convergência entre as sustentações dos depoentes.

Na sequência, examinamos outras duas notas taquigráficas que revelam posições em favor da ciência, com relação aos temas investigados. Com isso, analisamos detalhadamente as notas taquigráficas referentes à 15ª. reunião da CPI da Pandemia de Covid-19, realizada em 2/6/2021, que ouviu a médica infectologista Luana Araújo¹⁷ e analisamos as notas taquigráficas da audiência da 19ª. reunião da CPI da Pandemia da Covid-19 do dia 11/6/2021, na qual foi ouvida a cientista Natália Pasternak¹⁸.

4 A ANÁLISE DOS DADOS

A construção discursiva expressa pelos médicos apoiadores do governo Bolsonaro procura legitimar as decisões ideológicas e, ao mesmo tempo, busca garantir a manutenção do poder através da linguagem. Isso quer dizer, na ótica de Wodak (2004, p. 236), que não é a linguagem que garante o poder, mas, o uso que os agentes fazem dela que podem garantir o poder.

Assim, médicos apoiadores desse governo de extrema-direita procuram um discurso unânime que tenta desacredenciar os propósitos científicos praticados por universidades e

¹⁶ Graduada em Medicina pela Universidade de São Paulo (USP), com residência em Clínica Médica e Imunologia e Alergia no Hospital das Clínicas da FMUSP, doutorou-se na disciplina de Pneumonia no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e tem formação em oncologia.

¹⁷ Médica com especialização em doenças infecciosas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestrado em Saúde Pública pela universidade Johns Hopkins Bloomberg, nos Estados Unidos da América.

¹⁸ Microbiologista, com PhD e pós-doutorado em Microbiologia pela Universidade de São Paulo (USP).

órgãos reguladores em favor de uma minoria¹⁹ que defende posição contrária. Esses atores, notadamente à frente do Ministério da Saúde, no momento mais desafiador da pandemia, defenderam (1) tratamento precoce, (2) alardearam que as vacinas seriam ineficazes, (3) sustentaram posição contra o *lockdown*, (4) propalaram posição contrária aos cuidados profiláticos, (5) sabotaram a testagem em massa. Muitas vezes procuraram fundamentar essas posições a partir de publicações apócrifas ou buscaram evidenciar opiniões de pseudocientistas a serviço da ideologia vigente à época.

Nomes como Osmar Terra, Nise H. Yamaguchi, Nelson Teich, Eduardo Pazuello²⁰, Marcelo Queiroga e outros procuraram invalidar as teses científicas disponibilizadas por centros acadêmicos e organismos nacionais e internacionais que lidam com pesquisas na área de saúde e, a todo tempo, sonegaram as informações com depoimentos falsos durante as oitivas prestadas a CPI da Pandemia de Covid-19.

Para comprovar tal afirmação, pinçamos das notas taquigráficas da referida Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia de Covid-19 trechos dos depoimentos desses sujeitos que defenderam o “tratamento precoce” (que recomendavam fármacos como: ivermectina, cloroquina e hidroxicloroquina) e usaram de argumentos falaciosos para tentar validar a famigerada “imunidade de rebanho”, a negação da vacinação, o abandono da testagem em massa, a ausência de cuidados profiláticos, a rejeição ao isolamento social (ou *lockdown*). Por isso mesmo, os discursos são arquitetados com o fim de legitimação e de dominação.

Em primeiro lugar, ao analisarmos o depoimento do deputado Osmar Terra, fica claro que o referido médico (e político) defende em tom falacioso o “tratamento precoce”, a “imunidade de rebanho” e o “relaxamento do isolamento social”. Com isso, na oitiva da reunião da CPI de 26/6/2021, Osmar Terra procura legitimar seus argumentos ao citar a Gripe Espanhola (1918-1919), Gripe Russa (1889-1890), Gripe de Hong Kong (1968-1969) e a Gripe H1N1 (2009) na tentativa de naturalizar (com eufemizações) o efeito devastador da Pandemia de Covid-19 e, ao mesmo tempo, intenciona legitimar um discurso para amparar as ações atabalhoadas do governo Bolsonaro. Osmar Terra chega a defender que em todas as “pandemias” anteriores obteve-se a “imunidade de rebanho”, e assim, constrói o seu discurso

¹⁹ Referimo-nos a uma minoria de médicos que busca validar procedimentos isolados sem a chancela das comunidades científicas internacionais, como Didier Raoult, Zelenko e Peter McCullough que alinham os discursos em defesa do “tratamento precoce”.

²⁰ Apesar de não ter formação médica, o General do Exército Eduardo Pazuello assumiu o Ministério da Saúde interinamente, em 15 de maio de 2020 e, posteriormente, em 16 de setembro de 2020 foi efetivado, porém foi exonerado em 15 de maio de 2021.

em torno do sofisma de que “se nesses momentos históricos de contaminação por vírus houve a ‘imunidade social’, de igual modo, haveria a contaminação pelo Coronavírus”. Ao discutir as estratégias de operação de ideologia, Thompson (1990), afirma que as “relações de dominação são representadas como legítimas (representadas como justas e dignas de apoio/comprovação)”.

Assim sendo, esses representantes do núcleo do Governo Federal da circunstância, à época, procuraram harmonizar o discurso a fim de garantir a detenção de poder. Sobre esse aspecto, Wodak (2004, p. 237) destaca que “o poder não surge da linguagem, mas a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, subvertê-lo, e alterar sua distribuição a curto e longo prazo”. Isto é, a linguagem é moldada com finalidade de garantir o posicionamento ideológico que se opõe aos propósitos científicos seguidos universalmente e autenticados pela maioria dos cientistas das universidades mais relevantes do mundo e dos órgãos reguladores internacionais e nacionais.

Por um lado, destacamos um bloco apoiador do Governo Federal que procura alinhar o discurso na tentativa de legitimar o “tratamento precoce” com uso de fármacos *off label* (como cloroquina, hidroxicloroquina, ivermequitina), “imunização de rebanho”, posicionamento contrário ao *lockdown*, sem um método definido confundindo metodologia e ferramenta estatística), e com um discurso baseado em fontes apócrifas e aconselhamento paralelo, o que limita a autonomia do Ministério da Saúde.

Para melhor entendermos as estratégias discursivas do bloco apoiador do Governo Federal, trazemos o modelo de Thompson (1990), que indica cinco modos gerais de operação da ideologia, que se subdividem em várias estratégias de construções discursivas simbólicas, como pode ser visto, no Quadro 1, logo a seguir:

Quadro 1 – Estratégias discursivas de operação de ideologia, de Thompson (1990)²¹

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA	EXEMPLOS
1. LEGITIMAÇÃO – relações de dominação são	1.1. FALÁCIAS ARGUMENTATIVAS/	1.1 “Se em outras pandemias ocorreu uma

²¹ Modelo de Thompson (1990), com adaptações e exemplos extraídos das notas taquigráficas da CPI da Pandemia de Covid-19.

<p>representadas como legítimas (representadas como justas e dignas de apoio/comprovação)</p>	<p>RACIONALIZAÇÃO (apelo à legalidade, a bases supostamente científicas) (construção de uma cadeia de razões que busca defender ou justificar um conjunto de relações sociais ou instituições, e, assim, persuadir um público que vale a pena apoiar.)</p> <p>1.2. UNIVERSALIZAÇÃO (interesses específicos são apresentados como interesses gerais – esses arranjos são vistos como abertos, em princípio, para qualquer um que tenha a habilidade e a inclinação para ser bem sucedido.)</p> <p>1.3. PARTICULARIZAÇÃO (questões gerais são apresentadas como problemas específicos, individualizados)</p> <p>1.4. NARRATIVIZAÇÃO (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente. Ex.: tradições, costumes, pessoas) (Às vezes tradições são inventadas para criar um sentimento de pertencimento a uma comunidade e a uma história). Quanto à narração, Adam (2019, p. 113) define essa sequência textual como “conjunto de proposições articuladas progredindo em direção a um fim”.</p>	<p>imunidade de rebanho, com a Covid-19, a contaminação em massa promoveria imunidade”.</p> <p>1.2 Consideram a Covid-19 uma “gripezinha”.</p> <p>1.3 Osmar Terra faz alusão a pandemias do passado a fim de tentar autenticar as ações equivocadas em relação a gestão da pandemia de Covid-19 no presente.</p> <p>1.4 “Os médicos negacionistas narram eventos que são deslocados da realidade para tentarem legitimar as ações absurdas do Governo Federal à época”. Por exemplo, Nise H. Yamaguchi diz que um medicamento para protozoário serviria</p>
---	---	---

		para combater vírus. Para isso ela narra que um experimento <i>in vitro</i> , mesmo sem ser testado em humanos, poderia ser usado para combater Covid-19.
2. DISSIMULAÇÃO – Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas (as relações são representadas de uma forma que desviam a atenção ou encobrem as relações ou processos existentes).	2.1. DESLOCAMENTO (deslocamento contextual de termos e expressões – um termo comumente usado para se referir a um objeto ou a um indivíduo é usado para se referir a outro). 2.2. EUFEMIZAÇÃO (valorização positiva de instituições, ações, acontecimentos ou relações).	2.1 “A vacinação é substituída por tratamento precoce e <i>lockdown</i> é cambiado por “imunidade de rebanho”. 2.2 “Os médicos negacionistas expõem o número de recuperação como forma de atenuar o número de contaminados ou número de óbitos”.
3. UNIFICAÇÃO – Construção simbólica de identidade coletiva	3.1. PADRONIZAÇÃO (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado). 3.2. SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva).	3.1 “Os médicos negacionistas procuram construir um discurso “uno” ou alinhado na tentativa de invalidar as bases científicas da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de órgãos reguladores”. Exemplo: defendem imunização de rebanho, tratamento precoce, põem em xeque a eficácia da vacina, não aceitam o isolamento social, rejeitam o uso de máscara, bem como invalidam a higienização de mãos e uso de

		<p>máscaras.</p> <p>3.2 “Afirmam que os posicionamentos contrários são a aparência do mal e, portanto, são descredenciados”.</p> <p>Exemplo: relação entre tomar vacina e “virar jacaré”.</p>
<p>4. FRAGMENTAÇÃO – segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante.</p>	<p>4.1. DIFERENCIAÇÃO (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo)</p> <p>4.2. EXPURGO (construção simbólica de um inimigo)</p>	<p>4.1 “As vacinas seriam ineficazes, o distanciamento social traria prejuízos econômicos”.</p> <p>4.2 “Consideram os defensores da ciência como ‘militantes de esquerda’ e, por isso, promovem a perseguição e a desqualificação”.</p>
<p>5. REIFICAÇÃO – Retratação de uma situação transitória como permanente e natural</p>	<p>5.1. NATURALIZAÇÃO (criação social e histórica tratada como acontecimento natural)</p> <p>5.2. ETERNALIZAÇÃO (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes)</p> <p>5.3. NOMINALIZAÇÃO/PASSIVAÇÃO (concentração da atenção em certos temas em prejuízo de outros, com apagamento de atores e ações).</p>	<p>5.1 “Outras pandemias passaram e a de Covid-19, igualmente, passará”.</p> <p>5.2 “Todos nós morreremos um dia (declaração de Jair M. Bolsonaro)”.</p> <p>5.3 “O crescimento econômico é o foco do governo, portanto, não haverá distanciamento”.</p>

Depois da análise vista no quadro acima, passaremos para alguns destaques sobre a fala dos depoentes, que revelam seus posicionamentos.

Na tentativa de naturalizar a pandemia Covid-19, Terra (2021, p. 12, grifos nossos) diz que defende a chamada “imunidade de rebanho” ao destacar que:

A imunidade de rebanho é como terminam todas as pandemias, é o resultado final. Quando se chega a um percentual da população por vacina – nesse caso, vai ser importante vacina -, ou não, pelo contágio que o vírus causa, vai se chegar a um percentual que termina com a pandemia. Senão, não termina. Essa é a grande questão.

No entendimento de Thompson (1990), esse posicionamento assume duas aparências, isto é: pode ser expresso por deslocamento ou por eufemização. No caso em tela, vemos o deslocamento da concepção de pandemia e, ao mesmo tempo, destacamos a eufemização, quando o político procura mostrar em seu discurso que a razão econômica estaria justificada em razão da conveniência. Além disso, vemos uma procura por legitimação pautada em argumento falacioso, porque Osmar Terra deduz que, “se quatro ‘pandemias’ anteriores terminaram, porque atingiram a ‘imunidade de rebanho’, a pandemia de Covid-19 também deverá terminar pelo mesmo processo”. Assim, podemos vislumbrar o silogismo²² na seguinte ordem:

Premissa maior: As quatro “pandemias” citadas passaram com “imunidade de rebanho”.

Premissa menor: Covid-19 é uma pandemia.

Conclusão: Logo, a pandemia de Covid-19 terminará com a “imunidade de rebanho”.

Em uma declaração totalmente deslocada da realidade, Terra (2021, p. 12, grifos nossos) diz:

Quais eram os fatos – e assim se faz a ciência – concretos que existiam em fevereiro e março? Os fatos concretos que existiam em fevereiro e março eram a epidemia da China. A China teve um surto completo. Ela completou... Ela começou, subiu, desceu e terminou! Tem 4 mil mortes na China até hoje. Era o surto que tinha na época para ser analisados: 4 mil mortes num país de 1,4 bilhão de habitantes nos levaram à ideia de que não seria uma coisa tão grave. O mesmo aconteceu com o surto da Coreia, 185 mortes; no navio Diamond Princess, sete pessoas morreram em 3,5 mil... Esses eram os dados, esses eram os fatos que tinham na época...

²² Conforme mencionamos na nota 6, os médicos negacionistas se pautam em silogismos. Fiorin (2006, p. 17) nos explica que esse tipo de raciocínio denominado “necessário” é “aquele cuja conclusão decorre necessariamente das premissas colocadas, ou seja, sendo verdadeiras as premissas, a conclusão não pode não ser válida”.

Mais uma vez notamos que o raciocínio falacioso inunda as declarações. As palavras do depoente minimizam os efeitos da pandemia e procuram confundir a audiência com dados e comparações imprecisos. Nessa declaração e em outras, Osmar Terra procura legitimar o seu discurso com menções históricas desconexas. Sobre essa estratégia, Thompson (1990) postula que essa postura de tentar legitimar o discurso através de falácias argumentativas demonstra mais uma forma de operação ideológica. Não só isso, mas é visível também que o parlamentar tenta particularizar eventos em contextos diferentes e em épocas diversas como se esses acontecimentos servissem de regra para o contexto brasileiro com o avanço da Covid-19.

Completamente alinhada com Osmar Terra, a médica oncologista Nise H. Yamaguchi constrói seu discurso em torno da “ideologia dominante” do Governo Federal à época. Dessa forma, a médica comunga das mesmas ideias sobre: “imunidade de rebanho”, “tratamento precoce” e, portanto, rejeita a possibilidade de *lockdown* (como também, desaprova o confinamento social). Sobre imunidade de rebanho, Yamaguchi (2021, p 12, grifos nossos) assevera que:

Antes eu quero esclarecer o que é imunidade de rebanho. **Imunidade de rebanho é um fato.** Ela acontece quando você tem uma grande quantidade de pessoas imunizadas, ou que tenham tido contato com o vírus, ou que tenham uma imunidade natural já previamente adquirida pelo contato com outros vírus. Então, o que acontece é que esse fato, que é a imunidade de rebanho, acontece de diversas maneiras.

Na busca de unificação das ideias sobre os temas discutidos neste trabalho, constatamos que as teses de Nise H. Yamaguchi e de Osmar Terra são repetidas como mantras para provocarem na audiência um discurso uno. Nesse mesmo aspecto da unificação, fica claro que ambos os médicos negacionistas buscam legitimar a postura do Governo Federal em exercício à época. Soma-se a isso, segundo Thompson (1990), que a simbolização é mais uma estratégia usada, porque todos quantos pensam diferente do mandatário da nação são tidos como “esquerdistas” e, ao serem assim rotulados, são descredenciados e expurgados do Ministério da Saúde.

Quando perguntada sobre a eficiência das vacinas Yamaguchi se esquivava e responde sem clareza, porém deixa a ideia implícita de que as vacinas seriam ineficazes ou deveriam ser aprimoradas. Para tentar validar o discurso de que o “tratamento precoce” seria mais

importante do que as vacinas, a médica oncologista procura mostrar um caso isolado pessoal e declara para a audiência: “eu já tive Covid-19, e eu não posso me vacinar, porque eu tenho uma doença autoimune” (YAMAGUCHI, 2021, p. 64).

Por outro lado, reiteradamente, Nise H. Yamaguchi enaltece o “tratamento precoce”. Para isso, ela cita jornais estrangeiros, agências estrangeiras, hospitais famosos, porém não o faz para fundamentar a “eficiência do tratamento”. Muito pelo contrário, Nise H. Yamaguchi faz menções periféricas para tentar justificar escolhas ou caminhos possíveis, mas não expõe qualquer evidência. O seu discurso é vazio e sem consistência e suas justificativas não condizem com a unanimidade científica. Ademais, a médica oncologista muda o foco da discussão colocando-se na posição de vítima de perseguição política ao ser confrontada em relação às próprias declarações públicas sobre “imunidade de rebanho”, “tratamento precoce”, “ineficiência da vacina” e isolamento social (ou *lockdown*). Em uma de suas falas, Yamaguchi (2021, p 27, grifos nossos) chegou a dizer:

O *New York Times*, inclusive, confundiu, falando que o estudo do Amazonas de hidroxicloroquina tinha matado gente, e não era verdade: era cloroquina numa dose alta. Então, deu margem a essa confusão mundial e acabou sendo citado aqui, inclusive no material oferecido à Procuradoria da República, como sendo um dos motivos pelos quais não se deveria usar a cloroquina. **Então, a gente acredita que tem evidências científicas bastante robustas de que é uma droga segura e eficiente, usada há mais de 70 anos - a cloroquina, a hidroxicloroquina**, um pouco menos -, mas considerados pela Organização Mundial de Saúde como remédios essenciais.

Nesse fragmento, apenas de a médica oncologista Nise H. Yamaguchi ressaltar a expressão “evidências científicas”, o propósito de sua tese é falso, porque o medicamento citado foi testado para o tratamento de protozoário, que é totalmente discrepante da ideia de uso desses fármacos para o tratamento de vírus.

Na sequência, por outro lado, é importante destacar as falas das duas cientistas que darão suas contribuições ao relatório da CPI da Pandemia de Covid-19 de forma diametralmente contrária às de Osmar Terra e de Nise H. Yamaguchi. Referimo-nos, não por acaso, à Natália Pasternak e à Luana Araújo que apresentam discursos harmônicos em prol da ciência. Nesse particular, as cientistas trazem posições completamente antagônicas aos aliados

do Governo Federal. Antes de responderem às perguntas, ambas as cientistas, em momentos diferentes, preservam o *ethos* ao exporem uma “imagem de si”. Sobre esse aspecto que envolve o *ethos* Maingueneau (1996, p. 40)²³ destaca que

Todo discurso, oral ou escrito, pressupõe um *ethos*. Ele implica uma certa representação do corpo, de sua garantia do enunciador que assume a sua responsabilidade. A sua fala faz parte de um comportamento global (modo de se movimentar, de se vestir, de se relacionar com os outros...) Atribui-se-lhe assim um caráter, um conjunto de traços psicológicos (jovial, severo, simpático...) e uma corporificação (um conjunto de traços físicos e de vestimenta).

Guardadas as devidas proporções, essa “imagem de si” é exposta pelas duas cientistas ao serem interpeladas em reuniões²⁴ diferentes. Nessa direção, tanto Natália Pasternak, quando Luana Araújo apresentam suas formações com significativo preparo acadêmico, de acordo com os centros acadêmicos de prestígio global, e em consonância com as autoridades sanitárias nacionais e internacionais e, por essa razão, deixam patente que são capacitadas para tratar dos assuntos relativos à crise sanitária em foco.

Assim, ao ser questionada pelo relator da CPI, senador Renan Calheiros, sobre qual seria a forma mais eficiente de se combater uma doença viral, Pasternak (2021, p. 10, grifos nossos) foi categórica e disse: “Senador, **com vacinas**”. Com isso, a microbiologista coloca seu posicionamento favorável às vacinas e rechaça veementemente o “tratamento precoce”. Nessa direção, ao responder um questionamento do relator sobre o uso de medicamentos, como ivermectina, cloroquina e hidroxicloroquina, a cientista frisa que

Esses medicamentos não servem pra Covid-19, **de acordo com a evidência científica acumulada até agora**. Como coloquei na minha apresentação, é claro que a ciência está sempre pronta pra mudar de ideia diante de novas

²³ Tout discours, oral ou écrit, suppose un éthos : il implique une certaine représentation du corps de son garant, de l'énonciateur qui en assume la responsabilité. Sa parole participe d'un comportement global (une manière de se mouvoir, de s'habiller, d'entrer en relation avec autrui...) On lui attribue ainsi un caractère, un ensemble de traits psychologiques (jovial, sévère, sympathique...), et une corporalité (un ensemble de traits physiques et vestimentaires) Maingueneau (1996, p. 40). [tradução nossa].

²⁴ Segundo Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia de Covid-19, Luana Araújo foi ouvida na 15ª reunião, em 2/6/2021 e Natália Pasternak foi convidada para a audiência pública na 19ª reunião, em 11/6/2021. Disponível em < <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4> > Acesso em 21 de jan. de 2023.

evidências, mas as novas evidências precisam ser robustas; **não é qualquer trabalho que foi publicado em qualquer revista.** São evidências robustas avaliadas pela comunidade científica. Se essas evidências aparecessem, a comunidade científica muda de ideia. Mas **o que temos de evidência acumulada até agora e acumuladas de uma forma que, realmente, é robusta ou suficiente é forte o suficiente pra nos dizer que esses medicamentos não são indicados pra Covid-19** (PASTERNAK, 2021, p. 11, grifos nossos).

De modo categórico, fica claro o posicionamento da cientista em favor da ciência²⁵, pois, para ela, a ciência precisa de método e fundamentação segura para que as descobertas sejam chanceladas pela comunidade científica. A microbiologista ainda diz que a hidroxicloroquina é inapropriada para o paciente em qualquer estágio da doença (PASTERNAK, 2021, p. 13-14). Em relação à vacinação, a cientista revela em outra passagem que “[...] sobre a imunidade de rebanho, Senadora, é um termo vacinal. Imunidade de rebanho é algo que **a gente alcança com campanhas de vacinação**, e não deixando todo mundo pegar a doença pra ver o que vai dar. Isso a gente nunca fez historicamente” (PASTERNAK, 2021, p. 40). Nesse fragmento, a microbiologista, de uma só vez, desfaz o sentido deturpado sobre imunidade e enaltece a vacinação.

Ainda sobre o “tratamento precoce”, Pasternak (2021, p. 14, grifos nossos) diz que

[...] o kit Covid, que inclui uma série de medicamentos que **infelizmente estão sendo distribuídos para a população como tratamento precoce... Eles não têm nenhuma base científica que apoie o seu uso.** É bem pelo contrário. [...] Então, a hidroxicloroquina é um medicamento muito comum para malária e muito bom para malária, usado também para algumas doenças autoimunes, **mas nunca foi testado em conjunto com outros medicamentos**, como a azitromicina, como a ivermectina, a nitazoxanida e outros componentes que aparecem e somem desse kit Covid...

Nesse excerto, a microbiologista reitera o seu posicionamento contra o uso de fármacos que não encontram qualquer base científica para o tratamento da Covid-19.

²⁵ Sobre a concepção de ciência que acolhemos aqui, fazemos um comentário mais esclarecedor na nota 4. Reiteramos, portanto que consideramos “discurso científico” aquele que se harmoniza com organismos internacionais de saúde, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), com grandes centros internacionais de pesquisa e com diversas autoridades sanitárias nacionais e globais que rechaçaram procedimentos negacionistas.

Perguntada sobre a prevenção, Pasternak mostra-se favorável às medidas preventivas, inclusive, o distanciamento social. Nesse particular, podemos confrontar essa declaração com os posicionamentos negacionistas de Osmar Terra e Nise Yamaguchi, que acreditam na “imunização de rebanho”. Assim, para refutar os posicionamentos dos médicos bolsonaristas, Pasternak (2021, p. 24, grifos nossos) sustenta que “[...] muitos bons cientistas e bons técnicos não se sentem confortáveis para **trabalhar num Governo onde sabem que eles não vão poder seguir a ciência, porque a ciência está sendo negada, está sendo atacada justamente por esse próprio Governo**”.

Pasternak é mais objetiva com relação ao *lockdown* na seguinte passagem:

Então, essas **são as medidas que a ciência diz**, Senador, que são as melhores. E, quando a gente está em uma situação de calamidade, *lockdown* é a medida importante. É óbvio que ela é uma medida drástica, mas situações drásticas vão receber medidas drásticas. E esse *lockdown* nunca foi feito no Brasil, a não ser de forma muito isolada **e nos deu até uma boa prova de conceito** –, mas não é tão eficaz como se tivesse uma região inteira coordenada fazendo esse *lockdown* em conjunto. [...] a falta de diretrizes coordenadas pelo Ministério da Saúde, pelo Governo Federal, que acabou deixando Estados e Municípios à própria sorte, para que cada um combata a pandemia do seu jeitinho, sem terem diretrizes claras coordenadas, com uma coordenação nacional (PASTERNAK, 2021, p. 18-19 grifos nossos).

Aqui, vemos claramente que Natália Pasternak é favorável ao *lockdown* e, ao sê-lo, a microbiologista já deixa claro que não há espaço para a “imunidade de rebanho”.

A médica infectologista Luana Araújo, por seu turno, revela em seu discurso uma apreciação à ciência, tal qual vimos demonstrando em relação a Natália Pasternak, pois, quando questionada, mostra que as decisões para o enfrentamento da pandemia de Covid-19 devem se pautar em métodos claros, e se alicerçarem em pareceres rigorosos das comunidades científicas (inclusive de comunidades internacionais) sendo necessário o respaldo de órgãos reguladores.

Ao trazermos à baila o pensamento de Luana Araújo sobre os assuntos em foco (vacina, *lockdown*, “imunidade de rebanho” e “tratamento precoce”), percebemos uma aproximação entre o discurso elaborado por Luana Araújo e o discurso de Natália Pasternak,

pois ambas as cientistas recorrem aos padrões científicos como fatores que as autorizam a se posicionarem.

Araújo (2021, p. 30, grifos nossos), por conseguinte, coloca-se contra a “imunidade de rebanho”. Para ela: “[...] **uma imunidade de rebanho natural**, dentro do SARS-CoV-2 e da doença Covid-19, **é impossível de ser atingida**, não é uma estratégia inteligente. Ela é impossível de ser atingida”.

Araújo (2021, p. 39, grifos nossos) é favorável à vacinação e aos cuidados profiláticos, como ela expõe na seguinte passagem:

[...] a gente está falando na **intervenção vacinal majoritariamente** e associada (sic) à ela, nas **outras estratégias não farmacológicas de comportamento**, quer dizer, a pessoa tem a vacinação como base, mas ela precisa ainda **manter o uso da máscara, a higiene de mãos e o distanciamento social**.

Araújo (2021, p. 20, grifos nossos) ainda mostra sua oposição ao “tratamento precoce” e, ao comentar sobre cloroquina e hidroxicloroquina, ela frisa:

[...] uma metanálise feita da forma correta, uma metanálise que é essa ferramenta que condensa e melhora a nossa percepção de estudos, feita sobre estudos que são de alta qualidade, que são estudos randomizados, controlados – e mostra que existe um **aumento da mortalidade com o uso de cloroquina e hidroxicloroquina**.

Ainda quando interpelada por Renan Calheiros sobre o tratamento precoce, Araújo (2021, p. 12-13) declara:

Essa é uma discussão delirante, esdrúxula, anacrônica e contraproducente. Quando eu disse que um ano atrás nós estávamos na vanguarda da estupidez mundial, eu infelizmente ainda mantenho isso em vários aspectos, porque nós ainda estamos aqui discutindo uma coisa que não tem cabimento. É como se a gente estivesse escolhendo de que borda da Terra plana a gente vai voar; não tem lógica. A gente precisa desenvolver soluções, estratégias

claras adaptadas ao nosso povo. A gente precisa ajudar o gestor [...] a conseguir os resultados que ele precisa, porque desses resultados dependemos todos nós. Então, ao invés de a gente fazer isso, com todo o respeito do mundo, nós estamos aqui discutindo algo que é um ponto pacífico para o mundo inteiro. Esse que é o perigo da nossa arrogância. É preciso que a gente aprenda com os outros lugares, com as outras instituições...

Nesse fragmento, encontramos uma forma implícita de apontar repúdio ao procedimento *off label*, como tratamento precoce. Além disso, a cientista faz uma crítica contundente ao teor negacionista adotado pelo Ministério da Saúde. Esse órgão do Executivo, como pode ser constatado, sofreu ataques e foi forçado a atender às ingerências de teor ideológico do Governo de Jair M. Bolsonaro.

Portanto, diferente dos médicos bolsonaristas, frisamos, com efeito, que Luana Araújo e Natália Pasternak fundamentam seus discursos na argumentação *ad rem*, que, para Perelman (2014, p. 125), “corresponde a uma argumentação que o orador pretende válida para toda a humanidade racional ou, *ad humanitatem*”, pois a retórica escolhida pelas médicas se materializa a partir de pesquisas e vivências no ambiente médico-laboratorial seguindo normas e métodos universais. Na contramão, os depoentes negacionistas Osmar Terra e Nise H. Yamaguchi fundamentam seus discursos em argumentação *ad hominem*, que, segundo Perelman (2014, p. 125), se estriba no juízo de valor em detrimento da razão e da verdade.

Elaboramos um quadro comparativo desses discursos antagônicos, que resume a polarização que se revela nos discursos em dois blocos, conforme pode ser visto logo a seguir:

Quadro 2: Quadro síntese dos assuntos que subjazem às teses defendidas pelos médicos.

CIENTÍFICO	NEGACIONISTA
Pressupostos científicos defendidos majoritariamente por organismos de pesquisa nacionais e internacionais.	Teorias da conspiração e documentos apócrifos, tais como: artigos de fontes duvidosas, <i>sites</i> e conteúdos de aplicativo <i>whatsapp</i> .
Distanciamento social e isolamento vertical	Imunidade de rebanho ²⁶

²⁶ A todo tempo, Yamaguchi (2021, p. 80) e Terra (2021, p. 12) defendem a dita “imunidade de rebanho”, como aparece em seus depoimentos durante as oitivas da CPI da Covid-19. Além disso, podemos destacar volumosos registros de declarações dessa natureza proferidas pelos referidos médicos no Relatório da CPI da Pandemia. Relatório final: Comissão Parlamentar de Inquérito. Disponível em <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441> Acesso em: 20 de fev. de 2023.

Testagem	Não-testagem
Vacina	Tratamento precoce, uso <i>off label</i> (cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina).
Cuidado profilático: uso de máscara, higienização de mãos etc.	Aglomerações e contato sem restrições.
Decisões baseadas na qualificação técnica	Decisões baseadas na conveniência ideológica

Como pode ser examinado, no **Quadro 2**, há dois posicionamentos claramente antagônicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frisamos que a defesa do óbvio, em meio à “engenharia do caos”²⁷, parece uma tarefa descomunal, uma vez que essa atividade em favor da ciência exige de quem envereda pelas trilhas da racionalidade, na tentativa de explicar, pelo esforço de provar, de referenciar, de confrontar e de resistir ao emergente “teatro do absurdo”, que procura validar o *nonsense*.

Essa visão distorcida do mundo nos traz o pensamento de Camus (2004, p. 50) ao afirmar que “para um espírito absurdo, a razão é vã e não existe nada além da razão”. No entanto, a ACD nos garante a possibilidade de investigar os meandros discursivos com a finalidade de se buscar a verdade que é inerente ao humano.

Nesse sentido, objetivamos investigar, criticamente, os posicionamentos discursivo-ideológicos extraídos de depoimentos da CPI da Pandemia de Covid-19²⁸. De forma mais específica, arrolamos as estratégias argumentativas utilizadas pelos depoentes na tentativa de legitimar as teses expostas, comparar os discursos em blocos separados a partir de temáticas específicas; descrever as escolhas discursivo-ideológicas, para a manutenção das teses expostas; classificar os discursos evocados a partir das teorias da ACD; esquematizar os

²⁷ Refiro-me ao livro *Os engenheiros do caos*, de Giuliano Da Empoli, que aborda assuntos como *fake News*, teoria da conspiração, algoritmos, disseminação de ódio e medo com finalidade de interferência nas eleições. EMPOLI, Giuliano Da. **Os Engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2020.

²⁸ Constatamos que o Relatório da CPI da Pandemia de Covid-19 segue para apreciação jurídica e, por outro lado, as tentativas de construção discursivo-ideológicas negacionistas não subsistiram frente às evidências científicas e aos resultados advindos das campanhas vacinais, do isolamento social e dos cuidados profiláticos.

posicionamentos apresentados pelos depoentes; analisar os posicionamentos convergentes e divergentes.

Diante do levantamento dos dados e das análises, chegamos ao entendimento de que Osmar Terra e Nise H. Yamaguchi procuraram construir os seus posicionamentos pautados em discursos falaciosos, negacionistas e de conveniência ideológica. Além disso, constatamos que Luana Araújo e Natália Pasternak refutaram as teses de seus adversários, pois fundamentaram seus discursos em teorias científicas. Com isso, vemos que a pesquisa traz contribuições ao evocarmos reflexões sobre a ACD a partir de um *corpus* de relevância para a sociedade brasileira. Ademais, ao mostrarmos que existem estratégias discursivas que manejam a ideologia, entendemos que a manutenção de discursos falaciosos através da linguagem pode legitimar ideologias perigosas, como a que se abateu sobre o Brasil de 2019 até 2022.

Convém, no entanto, esclarecer que pretendemos aprofundar a pesquisa com a finalidade de elucidar eventuais questões que se possam esclarecer.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante... [et al]. São Paulo: Contexto, 2019.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BAKHTINE, Michail. (V.N. Volochinov) **Le marxismo et la philosophie du langage**: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique. Paris, Les Editions de Minuit, 1977.

BRASIL, Senado Federal. **Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia**. Transcrição literal das notas taquigráficas da 24ª. reunião da depoente Osmar Terra. 2021. Disponível em <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/r/10051> > Acesso em 8 de jan. de 2023.

BRASIL, Senado Federal. **Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia**. Transcrição literal das notas taquigráficas da 14ª. reunião da depoente Nise H. Yamaguchi. 2021. Disponível em <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/r/10018> > Acesso em 8 de jan. de 2023.

BRASIL, Senado Federal. **Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia**. Transcrição literal das notas taquigráficas da 15ª. reunião da depoente Luana Araújo. 2021. Disponível em <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/r/10022>> Acesso em 21 de maio de 2022.

BRASIL, Senado Federal. **Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia**. Transcrição literal das notas taquigráficas da 19ª. reunião que ouviu a convidada Natália Pasternak. 2021. Disponível em <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/r/10033>> Acesso em 21 de maio de 2022.

BRASIL, Senado Federal. **Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia**. Relatório final. 2021. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/27/cpi-da-pandemia-entrega-relatorio-final-ao-presidente-rodrigo-pacheco>> Acesso em 21 de fev. de 2023.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro. Record. Tradução Ari Roitman e Paulina Watch, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coordenação de equipe de tradução Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2016.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analyzing discourse: textual analysis for social research**. London and New York, Taylor and Francis e- Library, 2004.

_____. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. London and New York, Taylor and Francis e- Library, 2010.

_____. **Language and power**. London and New York, Taylor and Francis e- Library, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 114, p. 197-223, novembro, 2001.

FOUCAULT, Michel. **L'arqueologie du savoir**. Gallimard, Paris, 1969.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete**. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MAGALHÃES, Célia Maria (org). 2001. **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG: DELTA, 2005, p. 313-321.

MAINGUENEAU, Dominique. **Les termes clés de l'analyse du discours**. Paris, Editions du Seuil, 1996.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução de Adail Sobral... [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERELMAN, Chaïm. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução Eduardo Brandão]. 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMIRES, Vicentina. Mulheres na liderança: discurso, ideologia e poder. **Revista De Estudos Da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 455-489, 2018.

RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de discurso crítica, do modelo tradicional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (dis)curso**. LemD, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 185-207, jan./dez. 2004.

THOMPSON, John B. **Ideology and moderns culture**. Cambridge: Polity Press, 1990.

VAN DIJK, Teun A. van. **Discours and Power**. New York, 2008.

_____. **El discurso como interacción social: estudios del discurso: introducción multidisciplinaria**. V. 2, Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.

_____. **Society and discourse: how social context influence text an talk**. Cambridge University Press, 2009.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso: Lemd**, Tubarão, v. 4, n. esp, p.223-243, 2004.